

FRIEDRICH SELLOW E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA AS CIÊNCIAS NATURAIS

*José Newton Cardoso Marchiori
Miguel Antônio Durló*

***E**ntre os viajantes do início do século XIX merece destaque o naturalista prussiano Friedrich Sellow que, em longa e produtiva permanência no território brasileiro, reuniu a mais importante coleção de plantas do país, na região compreendida entre a Bahia e a então província Cisplatina. Coletor de espécies-novas mais citado na Flora Brasiliensis, seu nome também se sobressai pelas ricas coleções zoológicas, de minerais, rochas e fósseis, enviados principalmente para Berlim e para o Museu Nacional do Rio de Janeiro. No tocante à paleontologia, além da coleta dos restos de um gigantesco “tatu”, que recebeu o nome de *Chlamydotherium sellowi*, notabilizou-se pela primazia no registro de troncos petrificados em território sul-rio-grandense e de um quelônio fóssil, no Uruguai. Morto por afogamento no rio Doce, aos 42 anos de idade, não chegou a publicar obras científicas ou livros de viagem, motivo pelo qual seu nome é pouco conhecido fora dos meios acadêmicos. Seu espólio, enviado para Berlim após a morte, ainda permanece inédito e encerra valiosos documentos, em particular sobre o Rio Grande do Sul e o Uruguai.*

Introdução

Até o início do século XIX permaneciam ciosamente vigiados os ricos domínios coloniais de Espanha e Portugal, sendo estritamente controlado o acesso de viajantes estrangeiros aos territórios da América. No caso do Brasil, esta situação somente se alterou após a transferência da corte de D. João VI para o Rio de Janeiro (1807), decorrente da invasão de Portugal pelas tropas napoleônicas. Nesta nova realidade, a entrada de estrangeiros e naturalistas não apenas passou a ser permitida, como inclusive facilitada, pela concessão de passaportes, cartas de recomendação e subvenções pecuniárias à atividade científica, mediante o compromisso de depósito de amostras do material colecionado no Museu Nacional ou no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Foi neste clima favorável ao desenvolvimento científico que Friedrich Sellow veio ao Brasil, em 1814. Tendo vivido no país por 17 anos, até sua trágica morte no rio Doce, o viajante prussiano destaca-se não apenas pelo longo tempo de permanência, como, principalmente, pela extraordinária coleção que aqui realizou sobre história natural. Botânico por formação, Sellow tornou-se na América um naturalista completo, dedicando-se com o mesmo afincamento à coleta de amostras minerais, fósseis, insetos, pássaros, mamíferos, répteis, peixes e outras categorias do reino animal. Seus diários, relatórios e cartas, ainda inéditos, são valiosos pelas referências ou descrições destes materiais, bem como pelas observações sobre a sociedade brasileira, cidades, aspectos geográficos e registros linguísticos. Por sua coleta de material botânico, que supera em muito à realizada pelo célebre Saint-Hilaire, tornou-se o coletor de espécies-novas mais citado na monumental *Flora Brasiliensis*.

Apesar de sua notável contribuição ao conhecimento da terra brasileira, Friedrich Sellow é praticamente desconhecido fora dos meios científicos, pois o incansável naturalista não chegou a publicar nem mesmo os tradicionais livros de viagem, que tanta e justa notoriedade trouxe a seus pares mais ilustres. Chama atenção inclusive a escassa literatura sobre o viajante, em sua maioria restrita a curtas notas biográficas, como as produzidas por Arechavaleta¹.

A principal referência bibliográfica, aparecida há mais de um século, deve-se a Ignaz Urban², que pesquisou os manuscritos do viajante, enviados a Berlim após sua morte. Com o modesto título de *Rascunhos Biográficos*³, esta contribuição torna-se especialmente valiosa pela organização do itinerário de Sellow no Brasil, sendo ainda a fonte mais confiável sobre a vida e obra deste grande viajante do século XIX, que ainda aguarda um biógrafo à altura de sua brilhante trajetória.

¹ ARECHAVALETA, J. Federico Sello. *Anales del Museo Nacional de Montevideo*, Montevideo, v. 5, p. 1-38, 1903.

ARECHAVALETA, J. Reseña de los botánicos que herborizaron en esta región al oriente del Uruguay. In: ARECHAVALETA, J. *Flora Uruguaya*. Montevideo: Talleres A. Barreiro Y Ramos, 1905. p. XXXVI-XLIII.

ARECHAVALETA, J. Naturalistas en el Uruguay. *Revista Histórica de la Universidad*, Montevideo, n. 1-3, p. 828-842, 1907-08.

² Ignaz Urban (1848-1931). Botânico alemão, último organizador da *Flora Brasiliensis*.

³ URBAN, I. Biographische Skizzen. *Botanische Jahrbücher für Systematik Pflanzengeschichte und Pflanzengeographie*, Leipzig, 1893. p. 177-198.

Os anos de formação

⁴ Pequeno palácio construído em Potsdam, por Frederico III (1747-47), sob influências do classicismo francês e do rococó alemão.

⁵ Carl Ludwig Willdenow (1765-1812). Médico pela Universidade de Halle, foi diretor do Jardim Botânico de Berlim, membro da Academia de Ciências e professor da Universidade de Berlim.

⁶ Friedrich Wilhelm Karl Heinrich Alexander von Humboldt (1779-1859). Naturalista e viajante alemão, foi uma das mais destacadas personalidades mundiais em sua época, sendo considerado o fundador da moderna geografia física. Sua principal obra – *Viagem às Regiões Equinociais do Novo continente* – foi publicada em 30 volumes, no período de 1807 a 1832. Eclético, sua bibliografia versa sobre os mais variados campos do conhecimento: botânica, zoologia, geologia, geografia, agricultura, climatologia, economia, história, arqueologia e política.

⁷ Aimé Bonpland (1773-1858). Famoso botânico francês e companheiro de Alexander von Humboldt, em sua viagem ao Novo Mundo. Residiu em São Borja (Rio Grande do Sul) de 1831 a 1853, após 10 anos de cativeiro no Paraguai do ditador Francia. Percorreu o território sul-rio-grandense, coletando plantas e negociando gado, vindo a falecer em sua estância de Santana, a poucos quilômetros da atual cidade de Paso de Los Libres (Corrientes – Argentina).

⁸ Nome do jardim botânico de Paris, anexo ao Museu de História Natural.

⁹ René Louiche Desfontaines (1750-1833). Botânico francês, autor de *Flore Atlantique*. Viajou pela África do Norte.

Friedrich Sellow nasceu em Potsdam, na Prússia, a 12 de março de 1789. Filho de Carl Julius Samuel Sello, jardineiro do castelo real de Sans-Souci⁴, e de Friederike Wilhelmine Albertine Lieder, ficou órfão de pai aos 7 anos de idade, sendo encaminhado na mesma profissão por seu tio, Johann Wilhelm Sello. Cabe observar que a grafia original do nome da família não incluía a letra “w”, que o botânico passou a acrescentar, anos mais tarde, durante sua permanência no Brasil.

Após os anos de aprendizagem em Sans-Souci, Friedrich Sellow tornou-se auxiliar no Jardim Botânico de Berlim e iniciou-se no estudo da *Scientia amabilis*, sob a orientação de Willdenow⁵. É bem provável que o trabalho com a organização das coleções de plantas que Humboldt⁶ e Bonpland⁷ haviam reunido em suas andanças pela América do Sul, tenha seduzido o aprendiz, desenvolvendo-lhe o gosto pelas viagens às terras tropicais, com sua estranha e diversificada flora. Tendo em vista seu interesse em realizar grandes viagens pelo mundo e tornar-se útil para a ciência, Sellow passou a adotar uma rígida disciplina, dormindo com frequência em chão duro, lavando as mãos em água fria em pleno inverno e alimentando-se muitas vezes com peixes crus ou galinhas recém-abatidas.

O talentoso Sellow, desejoso de ampliar seus conhecimentos científicos, teve a sorte de receber o apoio do influente Alexander von Humboldt, que possibilitou sua transferência para Paris, em 1810. No *Jardin des Plantes*⁸, pode então aperfeiçoar-se sob a orientação de Desfontaines⁹ e Antoine Laurent de Jussieu¹⁰, obtendo ao mesmo tempo sólidos conhecimentos em zoologia, mineralogia, paleontologia e em outros ramos das ciências naturais, com sumidades como Cuvier¹¹, Lamarck¹² e Haüy¹³. Ainda com o apoio de Humboldt, Sellow transferiu-se em 1811 para a Inglaterra, onde prosseguiu sua formação científica, junto aos botânicos Robert Brown¹⁴, J. Sims¹⁵ e Sir Joseph Banks¹⁶. Com sólida formação em História Natural e grande reputação como botânico, Sellow estava finalmente preparado para alçar grandes vôos no mundo da ciência.

No ano de 1813, o jovem prussiano conheceu em Londres o Consul Langsdorff¹⁷ que, dirigindo-se para o Rio de Janeiro como enviado da Rússia, acenou-lhe com a possibilidade de uma viagem de pesquisas ao Brasil. Com o apoio financeiro de Banks e Sims, a ser pago com futuras coletas, o jovem pesquisador pode viabilizar este plano e dar início à sua vida de viajante-naturalista, em um país ainda pouco conhecido pela ciência e que atraía a atenção geral dos pesquisadores da época.

O viajante naturalista

O Brasil que Sellow encontrou havia experimentado profundas mudanças, com a transferência da família real para o Rio de Janeiro (ano de 1807) e a abertura dos portos às nações amigas (ano de 1808). Com tais medidas, o exotismo tropical da terra brasileira ficara à disposição dos ávidos naturalistas europeus, que passaram a se embrenhar por suas matas e campos à procura de exemplares raros de insetos, plantas, animais e rochas, com vistas a enriquecer os museus europeus e gravar seus nomes na história das ciências naturais.

Este foi um período em que países como Áustria, França, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, Suíça, Suécia e Rússia, passaram a incluir, em suas representações diplomáticas, pessoas versadas em História Natural. É o caso de Langsdorff, enviado pela Rússia, e de Olfers¹⁸, da Alemanha. Na comitiva austríaca, vinda ao Brasil por ocasião do casamento de Dona Leopoldina, chegaram os botânicos Mikan¹⁹, Pohl²⁰ e Schott²¹, bem como Spix²² e Martius²³, naturais da Baviera, e que deixaram uma contribuição inestimável para o conhecimento científico da terra brasileira. O hospitaleiro Langsdorff era um tipo de líder nesta plêiade de intelectuais e naturalistas, tendo transformado sua “Fazenda da Mandioca”, ao pé da serra da Estrela, no Rio de Janeiro, em local de encontro de brasileiros esclarecidos, viajantes estrangeiros e marinheiros russos.

Em seu primeiro ano de Brasil, Sellow ateu-se às regiões próximas à capital do Império, realizando uma coleta tão numerosa de plantas e insetos, que bastou para saldar suas dívidas com os financiadores ingleses. Familiarizado com a língua e os costumes do país, o jovem prussiano sentia-se finalmente em condições de empreender viagens a regiões mais distantes e ainda inexploradas pelos cientistas.

Graças ao apoio de amigos, especialmente de Langsdorff, e à pensão anual de quatrocentos mil réis que passou a receber a partir de 17 de julho de 1815, por interferência do Conde da Barca²⁴, Sellow dispunha finalmente dos meios necessários para a realização de seus planos de viagem ao interior do país. A única obrigação do viajante, ao receber a pensão, era a de enviar duplicatas dos exemplares a serem colhidos para o Museu Nacional ou ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Em sua primeira viagem, Sellow acompanhou o príncipe Maximiliano²⁵ e Freyreiss²⁶, à Bahia. Partindo de São Cristóvão, a 4 de agosto de 1815, com 13 mulas e 10 serviçais, a expedição passou por Cabo Frio, Macaé e Campos. Desta localidade o grupo fez pequena incursão através do rio Paraíba do Sul para conhecer os índios Puris, que viviam de forma selvagem na floresta primitiva.

¹⁰ Antoine Laurent de Jussieu (1748-1836). Botânico francês, professor do *Jardin du Roi* e diretor do Museu. De sua bibliografia destaca-se *Genera plantarum secundum ordines naturales disposita*, de 1789.

¹¹ Georges Cuvier (1769-1832). Naturalista francês, formulador das leis da anatomia comparada e um dos fundadores da paleontologia animal.

¹² Jean Baptiste Pierre Antoine de Monet Lamarck (1744-1829). Naturalista francês, autor da teoria evolucionista (lamarckismo) que sustenta a transmissão hereditária dos caracteres adquiridos por ação do ambiente. De sua bibliografia destacam-se: *Flore Française*, *Encyclopédie botanique*, *Philosophie zoologique* e *Histoire naturelle des animaux sans vertèbres*.

¹³ René Just Haüy (1743-1822). Padre e cientista francês, criador da cristalografia.

¹⁴ Robert Brown (1773-1858). Curador do Museu Britânico, foi um dos mais versáteis botânicos da primeira metade do século XIX. Viajou pelo interior da Austrália, na expedição de Matthew Flinders.

¹⁵ John Sims (1749-1831), grande botânico inglês, autor de mais de 390 descrições originais de plantas, em diferentes famílias de espermatófitas.

¹⁶ Sir Joseph Banks (1743-1820). Naturalista inglês, explorou a Terra Nova e a península do Labrador (1766), participou da viagem de circunavegação de James Cook (1768-71), e visitou a Islândia (1772). Presidente da Royal Society de Londres, diretor-honorário do Royal Botanic Gardens, estimulou expedições de naturalistas e legou ao Museu Britânico seu importante herbário.

¹⁷ Médico, descendente de uma família de barões, George Heinrich von Langsdorff nas-

ceu em Wöllstein, no Essen Renano, a 18/4/1774. Como ictiologista e mineralogista, participou da expedição de circunavegação russa de Krusenstern, tendo conhecido nesta ocasião a ilha de Santa Catarina. Com o nome de Grigory Ivanovich Langsdorff, foi nomeado, em 1812, para o cargo de cônsul geral de Rússia, no Brasil. A famosa expedição Langsdorff, que percorreu o interior de São Paulo, Mato Grosso, Amazonas e Pará, estendeu-se de 1821 a 1829.

¹⁸Ignaz Franz Joseph Maria von Olfers. Secretário da legação alemã no Rio de Janeiro, tornou-se amigo de Sellow e com ele viajou a Minas Gerais e São Paulo.

¹⁹Johann Christian Mikan (1769-1844). Professor de Botânica em Praga, viajou pelo interior do Brasil, de 1817 a 1819.

²⁰Johann Emanuel Pohl (1782-1834). Doutor em Medicina pela Universidade de Praga, veio ao Brasil na comitiva nupcial de Dona Leopoldina. Em nosso país coletou cerca de 4.000 espécies de plantas, que lhe permitiram, ao retornar a Viena, a publicação de *Plantarum Brasiliae Icones et Descriptiones*. Sua *Viagem ao Interior do Brasil* é também um clássico neste gênero de literatura.

²¹Heinrich Wilhelm Schott (1794-1865). Botânico austríaco, natural da Morávia, foi jardineiro-chefe dos palácios Belvedere e Schönbrunn, de Viena. Viajou pelo Brasil de 1817 a 1821.

²²Johann Baptist von Spix (1781-1826). Natural da Baviera, foi conservador do Museu Zoológico, da Academia de Ciências de Munique. Esteve em nosso país por 3 anos, em companhia de Martius, sendo co-autor da *Viagem pelo Brasil*. Sua coleção brasileira incluiu mais de 3.000 espécimes de animais.

Em diversos momentos de sua obra de viagem, o príncipe anotou informações sobre botânica e zoologia, para as quais Sellow lhe chamava a atenção:

*Descobrimos, na areia, a Turnera ulmifolia; nos charcos, duas espécies de Nymphaea de flores brancas, a indica e uma outra chamada erosa pelo Sr. Sellow, de flores enormes; ademais, uma alta Alisma de flores núbneas, também nova, provavelmente, e de folhas estreitas e alongadas. Não era fácil alcançar essa bonita planta no fundo lamçal; o Sr. Sellow afundou-se até considerável altura, na água negra e lodosa; e não me foi menos penoso perseguir ali algumas aves aquáticas.*²⁷

Em Vitória, no Espírito Santo, Sellow permaneceu por seis meses e meio (até julho de 1816). O príncipe e Freyreiss prosseguiram adiante, tendo os três naturalistas se reencontrado apenas em Mucuri²⁸. Depois desta localidade, Sellow separou-se novamente do príncipe, que embarcou de Salvador para a Europa, a 10 de maio de 1817.

Deslocando-se mais lentamente pela costa baiana, Sellow passou então por Caravelas, Porto Seguro, Belmonte, Una e Olivença. (Figuras 1 e 2) Salvador foi alcançada apenas no verão, tendo então residido em Nazaré, perto da capital. O jovem cientista apercebera-se de que a expedição, com seu grande número de acompanhantes e animais de carga, custava mais caro do que o inicialmente previsto, o que o forçou a dedicar-se mais à coleta de insetos, por exigir menos tempo e prometer melhores resultados.

Sobre as agruras de um botânico nos trópicos, Sellow

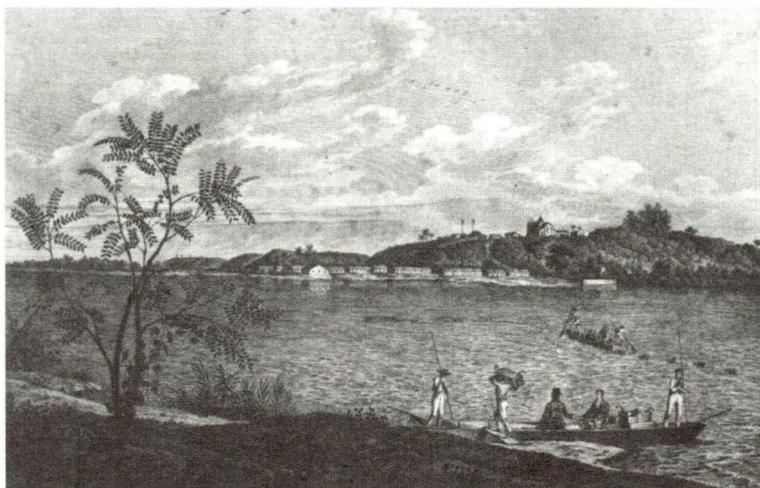


Figura 1. Vista da vila de Porto Seguro, rio Buranhem. Desenhada por Sellow, ilustra *Viagem ao Brasil*, do Príncipe Maximiliano.

²³Karl Friedrich Phillip von Martius (1794-1868). Natural da Baviera, foi conservador do Jardim Botânico e professor da Universidade de Munique, destacando-se no mundo científico pela organização da monumental *Flora Brasiliensis*. De 1817 a 1820, percorreu o interior do Brasil, juntamente com Spix, tendo resultado desta experiência a obra *Viagem pelo Brasil*, com valiosos aspectos da botânica, zoologia, geologia, climatologia, etnologia, música, economia, política e sociologia. De sua vasta bibliografia destacam-se ainda *Historia Palmarum*, *O Estado do Direito entre os Autóctones do Brasil* e *Nova Genera et Species Plantarum Brasiliensium*.

²⁴Antônio de Araújo e Azevedo (1754-1817). Estadista e intelectual português, trouxe para o Brasil uma valiosa coleção de livros, hoje incorporada ao acervo da Biblioteca Nacional.

²⁵Maximilian von Wied-Neuwied (1782-1867). Príncipe e naturalista alemão, autor de três obras sobre o Brasil: *Viagem ao Brasil*, *Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien* (Contribuição à História Natural do Brasil) e *Abbildungen zur Naturgeschichte Brasilien* (Ilustrações para a História Natural do Brasil).

²⁶Georg Wilhelm Freyreiss (1789-1825). Zoólogo e ornitólogo alemão, autor de *Beiträge zur naheren Kenntnis des Keiserthums Brasilien* (Contribuição para um conhecimento mais íntimo do reino do Brasil).

²⁷MAXIMILIANO, Príncipe de Wied-Neuwied. *Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Editora da Universidade de São Paulo, 1989. 536 p.

²⁸Atual cidade de mesmo nome, na região litorânea do extremo sul da Bahia.

²⁹URBAN, I. Op. cit.

assinalou problemas com a secagem de exsiccatas em clima quente e úmido, e a dificuldade para se alcançar as flores em árvores de grande porte, “que oferecem resistência ao machado durante meio dia, muitas vezes são retidas por cipós ao serem abatidas e, não raro, somente caem ao solo quando todas ao redor são igualmente derrubadas”²⁹. Segundo ele, o trabalho resulta mais fácil para o

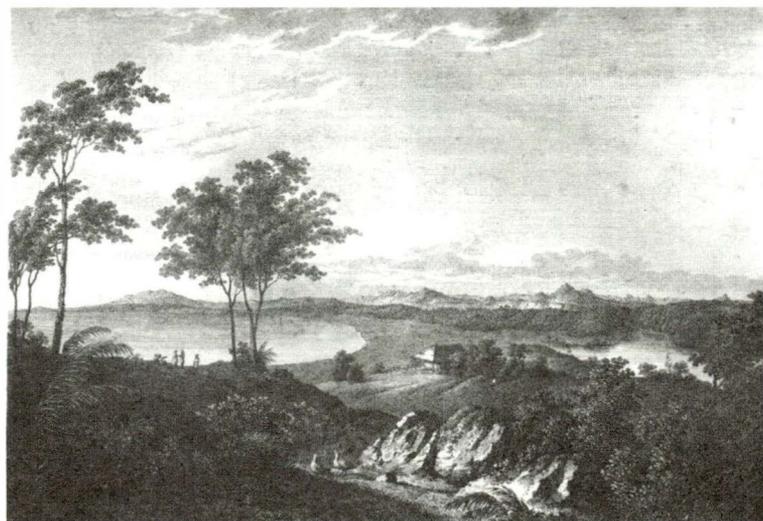
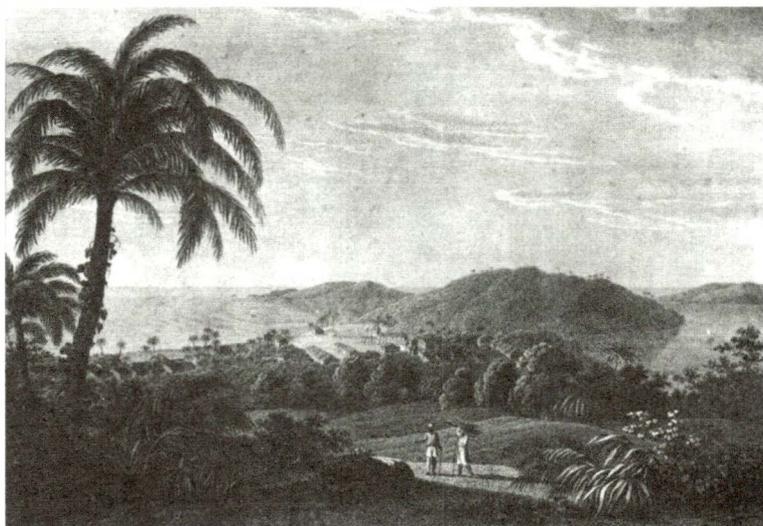


Figura 2. A. Vista da Vila e do Porto de Ilhéus. B. Vista da Fazenda de Tapebuçu e da costa marítima, com o monte de São João e a Serra de Iriri, cercados pela mata virgem. (De autoria de Friedrich Sellow, foram publicadas em *Viagem ao Brasil*, do Príncipe Maximiliano.)

zoólogo, pois ao mandar sua gente à caça, cada animal trazido é um todo. Reconhece ainda que a paixão por esta atividade assegura ao zoólogo o empenho de sua gente que, além disso, costuma relatar interessantes histórias sobre a forma de vida dos animais. No tocante aos minerais, o viajante destacou que a maior dificuldade reside no transporte das amostras.

De Caravelas, Sellow enviou uma carta ao ministro von Altenstein³⁰, solicitando um adiantamento anual e pondo-se à disposição do Museu de Berlim para futuras coletas. Concedido este apoio, Sellow passou a dedicar-se com mais tranquilidade às coletas e preparo de material pelos arredores de Salvador, enviando, a partir de então, grandes coleções de pássaros, sementes e exsiccatas botânicas para Berlim.

Ao retornar ao Rio de Janeiro, na metade de 1818, Sellow veio a conhecer Ignaz Olfers, secretário da legação alemã, de quem se tornou grande amigo e companheiro de viagem, na expedição a Minas Gerais e São Paulo. Como este dispunha de recursos, a expedição era ainda mais atrativa para o naturalista pobre.

Os dois amigos partiram a 10 de agosto de 1818, sendo Sellow responsável pelas coletas botânicas e ornitológicas, e Olfers pelas coleções entomológica e geognóstica. A expedição cruzou a divisa do Rio de Janeiro com Minas Gerais, em Paraibuna (3/9/1818), passou por Barbacena e alcançou Ouro Preto a 23 de setembro, onde permaneceu até 2 de outubro do mesmo ano. Após esta data, os dois realizaram numerosas excursões, incluindo as serras do Itacolomi, de Itabira, da Piedade e do Caraça, partindo finalmente de Ouro Preto, a 29 de abril de 1819. Dirigindo-se a seguir para São Paulo, passaram por São João del Rei, Jundiá e Itu, alcançando Ipanema a 1º de junho de 1819.

Olfers foi então chamado ao Rio de Janeiro e Sellow, acometido de forte diarreia, teve de permanecer por vários meses nesta localidade próxima a Sorocaba, famosa por sua “Fábrica de Ferro”.

Construída por iniciativa da coroa portuguesa (1798) para industrializar as jazidas de Araçoiaba, descobertas em 1589 pelo bandeirante Afonso Sardinha, Ipanema possuía os primeiros altos-fornos do Brasil, instalados em 1817 por Franz Varnhagen³¹. Grande foco de atenção, a siderúrgica recebia na época inúmeros viajantes e cientistas, como é o caso de Natterer³² e Saint-Hilaire³³, que por ali passaram no período em que Sellow aguardava a recuperação de sua saúde.

Em sua *Viagem à Província de São Paulo*³⁴, Saint-Hilaire tece longos comentários sobre o “jovem prussiano”, de “conhecimento bastante vasto” sobre botânica, e que se dedicava às “pesquisas com um zelo e uma energia sem par”. A respeito de sua personalidade, o cientista francês registrou que ele “sabia manter uma conversa inteligente sobre outros assuntos, conhecia várias línguas e mostrava possuir senso crítico e vivacidade de

³⁰Datada de 15 de dezembro de 1816, segundo Ignaz Urban, op. cit.

³¹Franz Ludwig Wilhelm von Varnhagen (1782-1842). Engenheiro alemão, pai do historiador brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen. Veio ao Brasil para dirigir a fundição de ferro de Ipanema. Faleceu em Lisboa, para onde se transferiu em 1820.

³²Johann von Natterer (1787-1843). Natural da Áustria, veio ao Brasil na comitiva científica de 1817, tendo aqui permanecido por 18 anos. Enviou para Viena importantes coleções de zoologia, botânica e etnografia, tendo descrito 73 espécies novas de mamíferos e 205 de aves.

³³Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire (1779-1853). Naturalista francês, percorreu a região centro-sul do Brasil de 1816 a 1822, deixando a mais importante coletânea de relatos de viagem sobre nosso país. De sua bibliografia salienta-se *Flora Brasiliae Meridionalis*. Suas coletas de plantas brasileiras estimam-se em 30.000 exemplares, pertencentes a mais de 7.000 espécies, das quais cerca de 4.500 eram até então desconhecidas pelos cientistas.

³⁴SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem à Província de São Paulo*. São Paulo/Belo Horizonte: Editora da USP/Itatiaia, 1976. 229 p.

espírito”, acrescentando possuir “temperamento frio, e até ríspido”, parecendo “dotado de excessivo amor-próprio”. Saint Hilaire assinala que encheu-o de ansiedade ao enumerar as pessoas que publicavam na Europa trabalhos sobre a natureza brasileira e que, “usando de toda a polidez e de um mínimo de formalidade”, forçou-o a assumir para consigo maneiras mais simples e cordiais, “das quais, entretanto, ele se descartava quando na presença de Varnhagen e Natterer”³⁵. O sábio de Orléans também comenta sobre algumas cartas de recomendação entregues a Sellow, para seus amigos do Rio Grande e de Montevidéu, e que dele recebeu uma carta de agradecimento, informando sua frustrada tentativa de obter passaporte para o Mato Grosso e o próximo retorno para São Paulo, “passando pelo sertão de Lages”, após ter percorrido a “Banda Oriental”³⁶ e a Província do Rio Grande do Sul.

Sellow deixou Ipanema a 7 de janeiro de 1820 e chegou a São Paulo em 5 dias de viagem. A 8 de fevereiro seguiu em direção a Santos, onde permaneceu até 1º de abril. Dali, pela costa, chegou ao Rio de Janeiro a 9 de maio do mesmo ano.

No Rio de Janeiro, planejou uma nova e ambiciosa expedição, com vistas a conhecer inicialmente as províncias do sul do Brasil e depois o Mato Grosso e a Amazônia. Graças ao apoio de Altenstein e às recomendações de Humboldt, seus planos receberam um substancial apoio financeiro do rei da Prússia.

Esta terceira expedição teve início em novembro de 1821, quando Sellow deixou o Rio de Janeiro e, após 13 dias de viagem marítima, chegou a Montevidéu. Nos doze meses seguintes o naturalista dedicou-se a explorar os arredores da cidade, percorreu o rio Santa Lucia até suas nascentes e passou pelas vilas de Minas³⁷ e Maldonado³⁸, retornando desta localidade para Montevidéu (Figura 3). Foi um período pouco produtivo para coletas botânicas, devido ao inverno. Já as coletas de rochas, insetos, pássaros, mamíferos, peixes e cobras, foram numerosas.

Em novembro de 1822, o viajante deixou Montevidéu, dirigindo-se para Colônia do Sacramento³⁹. Após uma pequena excursão a Buenos Aires, partiu a 19 de dezembro para Salto⁴⁰, que alcançou a 5 de março de 1823. Nos arredores do Passo do Catalan, no rio Queguay⁴¹, o viajante encontrou fragmentos fósseis de uma carapaça (Figura 4), que constitui o primeiro registro de um quelônio do Pleistoceno uruguaio. Classificado inicialmente como *Testudinites sellowi* Weiss (1830), o material recebeu posteriormente o nome de *Testudo sellowi* Fitzinger (1836), em homenagem a seu coletor⁴².

De Salto, dirigiu-se para o Rio Grande do Sul, cruzando a fronteira pelo Cerro Agudo, no atual município de Livramento⁴³, a 24 de março de 1823. Passou por Vacaquá, Rosário, São Gabriel, Santa Maria, Cachoeira e Rio Pardo, de onde seguiu por via fluvial a Porto Alegre, onde chegou a 14 de maio do mesmo ano. Nos arredores de Santa Maria, o viajante realizou uma breve incursão pelas florestas

³⁵ SAINT-HILAIRE, A. Op. cit., p. 194-195.

³⁶ Antigo nome da República Oriental do Uruguai.

³⁷ Atual cidade de Minas, capital do Departamento de Lavalleja, no Uruguai.

³⁸ Atual cidade e capital do Departamento de mesmo nome, nos arredores de Punta del Este, Uruguai.

³⁹ Atual cidade de Colônia, capital do Departamento uruguaio de mesmo nome, situada à margem esquerda do rio da Prata, frente a Buenos Aires.

⁴⁰ Cidade e capital do Departamento de mesmo nome, no Uruguai.

⁴¹ Afluente do rio Uruguai.

⁴² MONES, A. Lista de los vertebrados fosiles del Uruguay, I *Chondrichthyes*, *Osteichthyes*, *Reptilia*, *Aves*. Montevideo, *Comunicaciones Paleontológicas del Museo de Historia Natural de Montevideo*, 1972, n. 3, v. 1, p. 23-36.

⁴³ QUINTAS, A. T. Datas e itinerários dos viajantes botânicos no Rio Grande do Sul. *Revista da Escola de Agronomia e Veterinária da Universidade do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 57-64, 1956.



Figura 3. Itinerário de Friedrich Sellow no Uruguai e no Rio Grande do Sul. 1. Montevidéu - rio Santa Lucia - Minas - Maldonado - Montevidéu. 2. Montevidéu - Colonia - Buenos Aires - Colonia - Salto - São Gabriel - Santa Maria - São Martinho da Serra - Santa Maria - Cachoeira do Sul - Rio Pardo - Porto Alegre. 3. Porto Alegre - Cachoeira do Sul - rio Taquari - Cachoeira do Sul - Caçapava do Sul - Bagé - Aceguá - Herval - Pelotas (São Francisco de Paula) - Rio Grande - Pelotas - Lagoa dos Patos - Porto Alegre. 4. Porto Alegre - Encruzilhada do Sul - Caçapava do Sul - Rincão de Catalan - Arapeí Chico - Belém - Rincão de Catalan - Alegrete - rio Ibirapuitã - rio Ibicuí - rio Uruguai - Missões - Cruz Alta - Vacaria - Passo de Santa Vitória - Porto Alegre. 5. Porto Alegre, Rio Pardo - Caçapava do Sul - nascentes do Cambaí e São Sepé - Porto Alegre. 6. Porto Alegre, Vacaria - Lages.

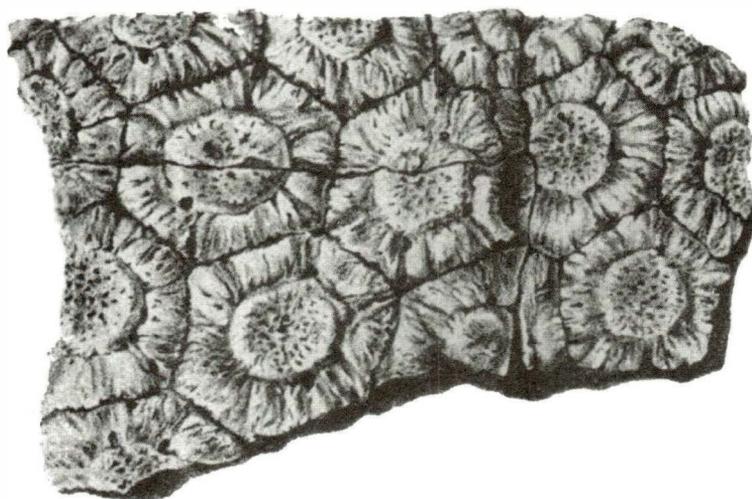


Figura 4. Fragmentos da couraça dorsal de *Testudo sellowi*, segundo Weiss (1940).

que recobrem o talude do planalto, chegando até São Martinho da Serra.

Ao final de agosto do mesmo ano, Sellow retornou ao interior da província pelo rio Jacuí, alcançando Cachoeira. Desta localidade, partiu em excursão pelo rio Taquari, retornando a Cachoeira, em meados de dezembro. Deslocou-se então para o sul, passando por Caçapava, Bagé, Serra de Aceguá⁴⁴, Herval, São Francisco de Paula⁴⁵ e Rio Grande. O itinerário, que *grosso modo* contorna a região do Escudo Rio-grandense, visava obter informações solicitadas pelo governo sobre a presença de ouro em Caçapava e sobre uma velha mina de prata dos jesuítas, que se dizia haver em Aceguá. Ao examinar a região do arroio da Mina, Sellow constatou que a pretensa prata nada mais era do que cascalho sulfuroso em marga de calcário.

O final desta viagem foi desastroso, pois o naturalista quebrou a clavícula à margem da lagoa dos Patos, ao cair do cavalo, e perdeu parte de suas coleções, na travessia do rio Pelotas. Permaneceu em São Francisco de Paula durante todo o inverno e a primavera de 1824, seguindo por água a Porto Alegre, somente no último dia daquele ano.

Ao comentar os infortúnios vivenciados por um naturalista no sul do país, Sellow destacou a inexistência de pontes para a travessia dos rios, o que tornava necessário, para quem não sabe nadar, “deixar-se puxar por uma corda de couro, que um nadador prende ao seu cavalo ou carrega com os dentes”⁴⁶. Cabe lembrar que o nome de Pelotas remete a uma antiga técnica para a travessia de rios na região, designando originalmente a bolsa de couro em que se colocavam objetos ou se acomodavam pessoas a serem

⁴⁴Serra ao sul de Bagé, divisa natural do Rio Grande do Sul com a República Oriental do Uruguai.

⁴⁵Atual cidade de Pelotas.

⁴⁶URBAN, I. Op. cit.

transportadas de uma margem à outra, puxada por uma corda. Trata-se certamente de método muito arriscado, sobretudo para o transporte de valiosas coleções e pesadas caixas com minerais, como era o caso de nosso viajante. Ao referir-se à escassa floração e à difícil secagem dos materiais, especialmente de peles, com o ar frio e úmido do inverno, observou que no Rio Grande do Sul raramente se encontrava uma casa em que se podia estender com segurança as coleções. Dando-se pouca atenção ao conforto do lar, o viajante constatou que até mesmo ricos proprietários eram encontrados em ranchos que envergonhariam o mais humilde dos agricultores da Prússia⁴⁷.

Em Porto Alegre, onde chegou após dez dias de viagem pela lagoa dos Patos e Guaíba, Sellow permaneceu até meados de Setembro, tendo neste período excursionado pela Serra do Herval. Partiu então para o norte do Uruguai, motivado pela notícia da descoberta de “dois esqueletos gigantes” fósseis, junto ao rio Arapeí Chico, “o maior deles com 40 palmos de comprimento, necessitando uma grande carreta para seu transporte”⁴⁸.

Munido de barômetros e de um sextante que pedira desde Montevidéu, rumou para Encruzilhada e Caçapava, onde chegou a 10 de dezembro de 1825, muito contente com as coletas mineralógicas realizadas. De Caçapava, partiu a 25 de dezembro para São Gabriel, alcançando a fronteira do rio Quaraí no início de janeiro de 1826. A meta desta viagem, no Arapeí Chico, só pode ser alcançada nos últimos dias daquele mês, devido às escaramuças da Campanha da Cisplatina na região. Para sua segurança em território oriental, foi necessário a proteção de uma escolta militar, concedida pelo coronel Bento Manoel Ribeiro⁴⁹, comandante do acampamento militar do Rincão de Catalan⁵⁰.

⁴⁷URBAN, I. Op. cit.

⁴⁸WEISS, C. S. Sobre a extremidade meridional da cordilheira do Brasil, na Província de S. Pedro do Sul e na Banda Oriental ou estado de Monte Video; conforme as coleções do sr. Fr. Sellow. *Boletim do Centro Rio-Grandense de Estudos Históricos*, Rio Grande, v. 2, p. 35-98, 1940. (Trad. de Bertholdo Klínger)

⁴⁹Natural de Sorocaba, fez rápida carreira militar nas lutas do Prata. General durante a Revolução Farroupilha, serviu mais tempo ao Império do que à República de Piratini. Considerado por muitos como traidor, dele dizia-se na época: “Todos merecem perdão, só o Bento Manoel que não!”. Faleceu em Porto Alegre, em 1855.

⁵⁰Situa-se a sudeste da cidade de Artigas. O nome perpetua-se na toponímia regional, pelos rios Catalan Chico e Catalan Seco, tributários do Catalan Grande, afluente do Quaraí.

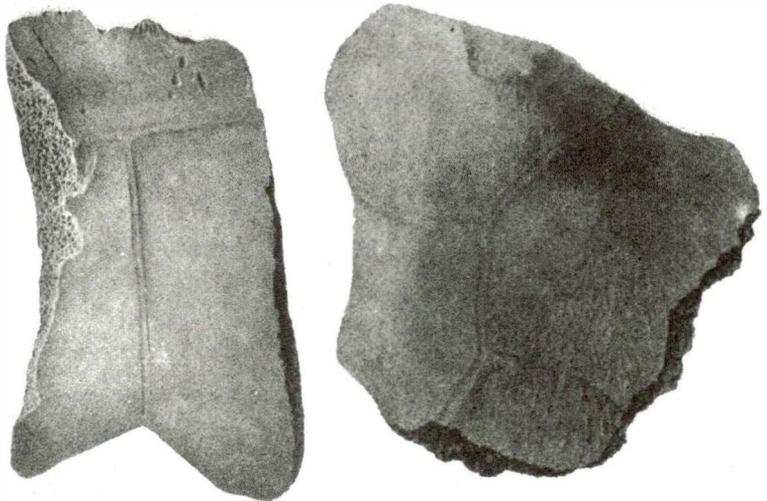


Figura 5. Fragmento da couraça de *Chlamydotherium sellowi*, segundo Weiss (1940).

⁵¹ WEISS, C. S. Op. cit.

⁵² MONES, A. Lista de los vertebrados fosiles del Uruguay, II. *Mammalia. Comunicaciones Paleontologicas del Museo de Historia Natural de Montevideo*, Montevideo, v. 1, n. 4, p. 39-97, 1973.

⁵³ Johann Samuel Edouard d'Alton (1803-1854). Paleontólogo alemão, publicou *Über die von dem verstorbenen Herrn Sellow aus der Banda Oriental mitgebrachten fossilen Panzerfragmente und die dazu gehörigen Knochen-Überreste*, em que discorda da classificação de Weiss, sobre a identidade dos referidos fósseis do Arapeí-Chico.

⁵⁴ José Feliciano Fernandes Pinheiro (1774-1847). Natural de Santos, graduado pela Universidade de Coimbra, passou o restante de sua vida no Rio Grande do Sul, onde se distinguiu na administração pública e pela autoria dos famosos "Anais", a primeira obra abrangente sobre a história da província.

⁵⁵ Antigo nome do Rio Grande do Sul.

⁵⁶ ALTON, E. D'. *Über die von Herrn Sellow mitgebrachten fossilen Panzerfragmente aus der Banda Oriental und die dazu gehörigen Knochen-Überreste (Als Nachtrag zu der Abhandl. des Hr. Weiss über das südliche Ende...)*. Berlin, Abhandl. Königl. Akad. Wissen., 1934. p. 1-56.

⁵⁷ WEISS, C. S. Op. cit.

⁵⁸ Localidade às margens do rio Uruguai, situada ao norte da foz do Arapeí-Grande, no atual Departamento de Salto (República Oriental do Uruguai).

⁵⁹ Zona de matas de Araucária, na região de Lagoa Vermelha, situada entre os rios Carreiro, Ligeiro e Inhandava.

⁶⁰ Afluente da margem direita do rio Jacuí. O nome, de origem guarani, significa mata (*caa*) impréstável ou sem caça (*pané*).

⁶¹ Afluente do rio Vacacaf.

Dos "esqueletos gigantes" do Arapeí Chico restavam pedaços da carapaça e ossos, classificados por Weiss⁵¹ como pertencentes ao gênero *Megatherium* Cuv.. Reconhecido atualmente pelo nome científico de *Chlamydotherium sellowi* Lund⁵², o material foi anteriormente descrito em detalhe por Alton⁵³, que não se arriscou a dar-lhe a classificação taxonômica, limitando-se a relacioná-lo a um "tatu", em concordância com a opinião original do coletor. A parte mais importante deste material foi remetida para o Rio de Janeiro, por instâncias do Visconde de São Leopoldo⁵⁴, presidente da província de São Pedro⁵⁵, sendo enviados para a Alemanha fragmentos menores, dois dos quais, desenhados por Alton⁵⁶, são apresentados na Figura 5. Os sedimentos associados foram descritos pelo coletor como uma marga "amarelado-cinzenta, tirante a pardo, friável..."⁵⁷.

Do Arapeí Chico, Sellow dirigiu-se para Belen⁵⁸, na costa do rio Uruguai, de onde retornou para o Rincão de Catalan. Deslocando-se então para o norte, atingiu novamente o território rio-grandense, seguindo em direção a Alegrete. Em maio de 1826, desceu pelos rios Ibirapuitã, depois pelo Ibicuí e subiu o rio Uruguai até as Missões Orientais, de onde se dirigiu, rumo leste, por terrenos entre os rios Piratini e Ijuí. A 14 de setembro partiu para Cruz Alta e o nordeste da Província, passando por Mato Português⁵⁹ e pelos campos de Vacaria. Do rio Pelotas, na divisa com Santa Catarina, Sellow retornou a Porto Alegre, onde chegou a 10 de novembro de 1826.

Sua última incursão ao interior do Rio Grande, realizada no curto período de um mês, visava atender a uma solicitação de D. Pedro I, que desejava uma coleção de rochas da província para oferecer à Imperatriz. Dirigiu-se então a Rio Pardo, Capané⁶⁰ e Caçapava, chegando até as proximidades de São Gabriel, nas nascentes dos rios Camba⁶¹ e São Sepé, de onde retornou a Porto Alegre, onde chegou ao final do ano de 1826.

A seguir, Sellow dedicou-se ao preparo e envio da maior parte de suas coleções, realizou uma breve visita à recente colônia alemã de São Leopoldo e iniciou, a 3 de abril de 1827, a longa viagem de retorno a São Paulo. De Porto Alegre seguiu para Santo Antônio da Patrulha, subiu a Serra e alcançou Lages a 2 de julho, após cruzar a divisa de Santa Catarina, no passo de Santa Vitória. Devido às grandes perdas de mulas e cavalos neste percurso e à proximidade do inverno, estação desfavorável à coleta de plantas e de insetos, Sellow decidiu interromper a viagem e partir de navio para o Rio de Janeiro. Após guardar suas coleções em lugar seguro e deixar os animais em bom pasto, desceu a Serra do Mar, passou por Laguna e embarcou para a Corte, na capital de Santa Catarina.

No Rio de Janeiro, dedicou-se principalmente ao preparo e envio de parte de suas coleções. Ao final de outubro, retornou a

Santa Catarina como convidado do Capitão Phillip P. King, chefe da comissão geográfica inglesa, que se encontrava na costa brasileira com os navios Adventure e Beagle, de passagem para o Estreito de Magalhães. Em carta de 7 de novembro de 1827, redigida em português, Sellow recomendou o Capitão Parker King a Don Dámaso Larrañaga⁶², como sendo um “apaixonado pela História Natural”, solicitando-lhe que transmitisse ao portador “algumas informações sobre a Natureza da Banda Oriental e da Província de Buenos Aires”, como se fora um “grande obséquio” a ele próprio. Ao finalizar, Sellow informa o cura de Montevideú sobre seus planos para o futuro:

*Tenho feito assaz dilatadas viagens pelas províncias de São Pedro e Santa Catarina, dirijo-me agora ao Mato Grosso, com a intenção de prolongar a viagem até Arica, sobre o Pacífico, praticando assim um talho transversal da América meridional, sobre o plateau elevado do Brasil.*⁶³

Após uma curta permanência na ilha de Santa Catarina, o naturalista seguiu para Laguna e, ao final de dezembro, iniciou a subida da Serra do Mar, em direção a Lages, onde chegou somente a 31 de janeiro de 1828. As peripécias desta etapa, relatadas em carta para Olfers, testemunham os riscos e sofrimentos dos viajantes da época, nos sertões do Brasil:

Minha viagem nas montanhas decorreu de forma muito ruim. Já na viagem de Laguna (uma península no Estado de Santa Catarina) ao rio Tubarão, praticamente toda a minha bagagem foi encharcada com água salgada, pois quando me encontrava a uma distância de 1 milha do mar, uma súbita tempestade formou ondas tão grandes, que a canoa só não afundou mediante extenuantes esforços. Isto, entretanto, foi apenas uma amostra do que me aguardava. A 30 de dezembro, após um dia inteiro para lavar e secar novamente as coisas, dirigi-me ao sertão, onde precisei de 19 dias para vencer um trecho de mato, não maior do que 20 léguas. Nenhum dia passava sem que houvesse fortes chuvas, com o que o estreito caminho, terrível em qualquer época do ano, ficava ainda pior, de maneira que só se podia andar a pé e, somente com grande esforço, passar pelas encostas e banhados. Gastei 9 dias à margem de um rio, que ficava a 1 dia de viagem do sopé das montanhas; quase regularmente, à tarde, ele enchia alguns metros e corria espumante e barulhento, rolando pedaços de rochas com as águas. Durante a noite ele diminuía, mas não o sufi-

⁶²Dámaso Antonio Larrañaga. Padre, político e naturalista uruguaio.

⁶³SELLOW, F. Carta do señor F. Sellow a Larrañaga. In: LARRAÑAGA, D. A. *Escritos de Don Dámaso Antonio Larrañaga*. Montevideo: Instituto Histórico e Geográfico del Uruguay, 1924. Tomo III. p. 299-300.

ciente para que pudesse ser transposto; neste tempo fui castigado por nuvens de mutucas e mosquitos, e por uma dor de dente, que só desapareceu após 6 dias, deixando uma fistula que ainda não está sarada. Sob tais circunstâncias estragaram-se minhas coleções e até o papel apodreceu. (...). A única compensação que tive nestes ermos foi ter encontrado um importante depósito de carvão mineral. (...). Eu não duvido que todo o pé destas montanhas, talvez do rio São Francisco até o Mampituba, seja rico em carvão mineral. Mais difícil ainda foi a subida da montanha, pois a água que rolava para baixo havia carregado pedras soltas e terra, dificultando a subida dos animais nos bancos que se haviam formado. O caminho teve de ser refeito, no verdadeiro sentido da palavra. Após duro trabalho de um dia inteiro, tínhamos conseguido escalar até a metade, mas como à noite começou novamente a chover, as pessoas ficaram desanimadas, pois a alimentação dos últimos dias tinha sido praticamente água com açúcar. Cada um ficava onde estava e deixava que a noite caísse sobre si; a mim também não restava outra coisa senão esperar pela manhã, em meu poncho molhado, sentado em uma pedra. A escosta da montanha, entretanto, oferecia excelente cenário. (...). No dia seguinte, quando alcancei o cume da montanha e (...) as primeiras moradias, precisei parar por causa de meus animais... (...). Acometeu-me então uma catarração, que apanhara durante o mau tempo e da qual não conseguia me livrar; o meu negro ficou ainda mais doente do que eu, de modo que eu temi perdê-lo.⁶⁴

⁶⁴URBAN, I. Op. cit., p.

Ao chegar a Lages, Sellow constatou várias baixas em sua tropa de cavalos e mulas, devido a uma peste que havia atingido todo o planalto catarinense. Coletou “plantas interessantes”, segundo registro da mesma carta a Olfers e, no início de março, partiu para o “grande sertão”, que alcançou em 24 dias de viagem, onze dos quais de descanso, devido às chuvas ou em função dos animais. De Lapa, dirigiu-se a Paranaguá, através da Serra do Mar, de onde retornou ao interior do Estado, alcançando Guarapuava.

Em seus *Anais da Província de São Pedro*, o Visconde de São Leopoldo informa sobre uma “derradeira carta de despedida”⁶⁵, enviada a 10 de março de 1827, quando Sellow preparava-se para deixar o “sertão de Lapa”, em direção a São Paulo. Confessando não poder “ainda recordar-se sem lágrimas”, o político gaúcho informa que no documento “transpiram incessantes votos pela prosperidade de sua pátria”, ao mesmo tempo que o remente se prontificava “a retificar os exames de minerais de cobre”,

⁶⁵PINHEIRO, J. F. F. *Anais da Província de São Pedro*. Petrópolis: Editora Vozes, 1978. p. 63-64.

e informava sobre a existência de “belíssima serpentina, de diferentes variedades de ferro em lugares cômodos para extração, de abundância de terras ricas com matérias para o fabrico do sulfato de alumina”, bem como de “inumeráveis plantas medicinais”, pertencentes à “odorífera família das Labiadas”, além da árvore, que produz a casca de Winter⁶⁶, tão promissora para a civilização dos índios desta província como a “colheita da Ipecacuanha⁶⁷, para os indígenas dos sertões entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais”.

Seguindo por Carambeí e Castro⁶⁸, o naturalista alcançou Sorocaba, em dezembro de 1828. De janeiro a junho de 1929, esteve em São Paulo, em Santos e na ilha da Moela, sempre realizando proveitosas coletas.

Impedido de viajar ao Paraguai do ditador Francia⁶⁹, que vedava a entrada no país aos estrangeiros e havia aprisionado a Bonpland, Sellow “voltou à sua idéia inicial de ir a Goiás, através da parte norte de Minas Gerais e daí, através do Mato Grosso, chegar ao Pará”⁷⁰.

A 23 de maio de 1830, partiu então de São Paulo para Guaratinguetá, que alcançou a 13 de junho. Atravessou a serra da Mantiqueira, passou por Itajubá e chegou a São João del Rei em agosto. Somente neste trajeto, que mescla paisagens de campos e florestas, as coletas botânicas alcançaram cerca de 1.500 plantas. Ao chegar a Ouro Preto, em novembro, teve a alegria de receber o primeiro caderno da *Flora Brasiliensis*, enviado por Olfers e versando sobre as Gramíneas. A profunda admiração do remetente pelo trabalho de Sellow manifesta-se claramente na carta em anexo, quando lhe solicita a “grande alegria” de ver seu nome associado a uma espécie nova de *Panicum*, que seja “muito próximo do *Panicum sellowii*”⁷¹.

Nos arredores de Ouro Preto realizou numerosas excursões, como ao pico do Itacolomi, onde permaneceu por diversos dias em novembro, e à Serra do Caraça, na segunda metade de dezembro.

Antes de prosseguir viagem, Sellow tomou os últimos 3.500 marcos que restavam da concessão real de março de 1823, enviou suas coleções para o Rio e firmou seu testamento, a 29 de março de 1831, preparando-se para eventuais desventuras em uma expedição ao interior mais remoto do Brasil. Sua atitude parece ter sido premonitória, pois o incansável viajante veio a falecer seis meses após esta data, por afogamento no rio Doce, com apenas 42 anos de idade.

A contribuição de Sellow

Morto no auge de sua carreira de viajante-naturalista, Friedrich Sellow não teve a oportunidade de retornar à Europa e colher os louros que certamente lhe trariam a descrição e o estudo de suas extraordinárias coleções. Longe das instituições de pes-

⁶⁶Refere-se a *Drimys brasiliensis* Miers, da família das Winteráceas, conhecida popularmente pelos nomes de cataia ou casca d'anta. Trata-se de espécie muito próxima à verdadeira “casca de Winter”, *Drimys winteri* Forst., originária dos Andes austrais e da Terra do Fogo.

⁶⁷*Cephaelis ipecacuanha* Rich., da família das Rubiáceas.

⁶⁸Cidades no interior do Paraná.

⁶⁹José Gaspar Rodríguez Francia (1776-1840). Responsável pela independência e ditador do Paraguai, governou com extremo rigor, recebendo a alcunha de “El Supremo”.

⁷⁰URBAN, I. Op. cit., p.

⁷¹URBAN, I. Op. cit., p.

quiza e vivenciando apenas raros contatos com seus pares, Sellow não obteve o merecido lugar na história das ciências naturais, não apenas pelas numerosíssimas coletas, como também pela diversidade dos temas a que dedicou sua vida. Abrangendo os mais variados setores do conhecimento, seu trabalho de campo, observações, registros e desenhos versam sobre botânica, zoologia, paleontologia, mineralogia, meteorologia, astronomia, antropologia e linguística.

Sellow não teve tempo para publicar artigos científicos ou livros de viagem, para os quais estava plenamente preparado. O seu legado, que tanto impulso deu às ciências naturais, serviu contudo para a celebridade de toda uma plêiade de pesquisadores do século XIX, restando ao desafortunado coletor o empréstimo de seu nome a centenas de plantas, animais e fósseis, descritos a partir dos materiais por ele penosamente reunidos. Ao contrário de Saint-Hilaire, de Martius, de Lindman e outros tantos luminares, que dispuseram de tempo para bem aproveitar o árduo esforço empreendido nas expedições ao interior do Brasil e para publicar livros de viagem merecidamente famosos, não coube a Sellow nem mesmo a dedicação de um pesquisador interessado em resgatar seus manuscritos, enviados para Berlim após sua morte. O nome de Sellow, por este motivo, continua sendo pouco conhecido e sua extraordinária contribuição, pouco divulgada.

Ignaz Urban, no famoso *Rascunho Biográfico* sobre o desafortunado viajante, informa que no seu espólio encontram-se cartas diversas, cartas de recomendação de autoridades brasileiras, a correspondência enviada pelo Ministério da Educação da Prússia, numerosos diários e relatórios de sua autoria, além de outras preciosidades.

Deste rico acervo, Barreto⁷² destaca, por seu especial interesse para o Rio Grande do Sul, uma carta remetida de Porto Alegre, em 1826, e endereçada ao barão de Altenstein. Constando de 28 páginas manuscritas e versando principalmente sobre a geografia física do Estado, não faltam, no documento, passagens com descrições minuciosas, como as que nos antecipa o historiador rio-grandino:

Parti de Porto Alegre a 29 de agosto de 1823, quando recém a primavera se revelava nas plantas, e subi pela margem esquerda do Guaíba, pois dado que a guerra durava, só na região das matas podia eu contar em angariar o necessário auxílio de homens, empenho em que sempre ocorriam incríveis dificuldades. O longo vale do Guaíba, de mais de 40 léguas de comprimento, apresenta a capital, Porto Alegre, em situação excepcionalmente aprazível, na sua embocadura, reunidos os quatro rios formadores do lago de Viamão, sobre

⁷²BARRETO, A. *Bibliografia Sul-Rio-Grandense*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1976. v. 2, p. 1257-1265.

uma península granítica, de 100 pés de altura, de mais recente formação; a cidade conta com quatro igrejas e 1.800 fogos, e um excelente ancoradouro em que os veleiros presentes são geralmente em número não inferior a quarenta.

Páginas adiante, Sellow manifesta todo o seu poder descritivo, ao referir-se ao cerro de Botucaraí, nos arredores da atual cidade de Candelária, demonstrando o sabor literário desta obra merecedora de urgente publicação:

Essa região é vestida de alta mata, na qual reencontrei várias árvores e, em geral várias plantas iguais às que eu coletara no Tietê. Aqui igualmente ouvem-se os urros do guariba e foge o tapir diante do caçador; a safar-se nos caldeirões dos córregos; e nos mais altos topos das árvores vibra a bigorna da araponga. No pé dessa serra medram o algodão, a mandioca e até a cana-de-açúcar. E daí até a borda do rio alternam campos de pastagem e capões de mato, esse geralmente cercado de alta bromeliácea⁷³, a qual propicia o aumento da área do capão, mas vai rareando para o sul e acaba desaparecendo.

⁷³*Bromelia balansae* Mez.

Em um terceiro trecho apresentado por Abeillard Barreto, evidencia-se a riqueza informativa do documento sobre as incipientes povoações do interior da província:

Da freguezia de Taquari; da vila do Rio Pardo, terceira povoação da província em importância, com três igrejas e quinhentos fogos; da vila da Cachoeira, em bela situação, apenas com 150 fogos, e pobres, empreendi várias excursões à serra basáltica, às minas de carvão, às pedreiras calcáreas, às pequenas lagoas na boca do rio, nas quais em outubro e novembro fazem seus ninhos, nas macegas, pelicanos de diversas espécies, vegetação que, qual rizoforas, ergue suas raízes acima da água e forma ilhotas flutuantes, em torno das quais se postavam, prontos para a rapina, variedades de falcões; tais excursões foram bastante produtivas para as coleções.

Botânico por formação, Sellow dedicou à *Scientia amabilis* o melhor de seus esforços, sendo o coletor mais freqüente nas descrições de plantas brasileiras. Na monumental *Flora Brasiliensis*, seu nome é desta forma citado por milhares de vezes, sendo, além disso, homenageado no epíteto específico de centenas de plantas novas para a ciência.

Enquanto o herbário de Saint-Hilaire, reúne 7.608 espécies de nosso país, apenas para o *Botanisches Museum*, de Berlim,

foram enviadas mais de 11.700 espécies coletadas por Sellow e 51.480 exemplares. Não surpreende, portanto, o grande número de espécies do Rio Grande do Sul que figuram em obras clássicas da botânica, como em publicações da revista *Linnaea* e em *Das Pflanzenreich – Regni Vegetabilis Conspectus*, organizado por Engler e Diels, no período de 1900 a 1953. Sobre a contribuição de Sellow para a botânica, basta lembrar que, ao tempo de sua morte, o grande viajante havia enriquecido esta ciência em aproximadamente 10% das espécies conhecidas.

Além do Herbário de Berlim, as exsicatas de Sellow constam atualmente nas coleções das mais importantes instituições de pesquisa botânica do mundo, citando-se o Royal Botanic Gardens (Kew, Inglaterra), o New York Botanical Garden, o Musée National d'Histoire Naturelle (Paris), o British Museum of Natural History (Londres), o Museu Nacional do Rio de Janeiro, o Jardin Botanique de l'État (Bruxelas), o Herbarium of the University (Cambridge), o Herbarium Boissier e Musée Delessert (Genebra), o Gray Herbarium (Harvard, USA), o Botanisches Institut der Universität (Kiel, Alemanha), o Rijksherbarium (Leiden, Holanda), o Botaniska Museet (Lund, Suécia), o Botanisches Institut Akademij Nauy (Leningrado), o Instituto Botânico da Universidade de Lisboa, o Botanisches Institut der Universität (Leipzig), o Botanish Museet (Uppsala, Suécia), o Naturhistoriska Riksmuseet (Estocolmo), o Botanisch Museum en Herbarium (Utrecht, Holanda), o United States National Herbarium (Washington), o Naturhistorisches Museum (Viena) e o Botanischer Garten und Botanisches Institut der Universität (Viena).

Os maiores botânicos do século XIX, dentre os quais Arnott, Baillon, Berg, Chamisso, Chodat, Fries, Gaudichaud-Beaupré, Grisebach, Hooker, Hyeronimus, Klotzsch, Kunth, Malme, Nees, Schlechtendal, Urban e Vogel, examinaram parcialmente as exsicatas coligidas por Sellow, resultando em descrições de espécies-novas, publicadas nas mais importantes monografias sobre as respectivas famílias botânicas. Embora nunca tenha publicado pessoalmente, Sellow figura, desta forma, entre os grandes nomes da botânica.

O legado do naturalista tem sua maior limitação em problemas de etiquetagem, sendo em geral quase impossível reconhecer o verdadeiro local de coleta, no vasto espaço brasileiro. Algumas vezes fica mesmo impossível dizer-se se uma planta provém do Brasil ou do hodierno Uruguai, naquele tempo ainda pertencente ao Brasil. Esta confusão cresce de vulto, porque nos herbários muitas vezes se acrescentou, arbitrariamente, a designação “*Brasilia*”, também quando o espécime é oriundo do moderno Uruguai. Sobre este aspecto, Herter & Rambo⁷⁴ observaram que após a separação da Província Cisplatina do Brasil, em 1828, chegou-se em muitos casos a cometer a arbitrariedade inversa,

⁷⁴HERTER, W. G. & RAMBO, B. Nas pegadas dos naturalistas Sellow e Saint-Hilaire. *Revista Sudamericana de Botanica*, Montevideo, v. 10, p. 61-98, 1951-56.

substituindo a designação “*Brasília*” por “*Montevideo*”, de maneira que muitas plantas figuram como uruguaias, quando na realidade são encontradas apenas no Brasil.

Para ilustrar esta confusão generalizada com a procedência das exsicatas do naturalista prussiano, basta citar que apenas para *Eugenia* L. (família *Myrtaceae*) foram descritas 5 espécies, baseadas em material supostamente coletado no Rio Grande do Sul: *Eugenia bicolor* Berg, *Eugenia coaetanea* Berg, *Eugenia pantagensis* Berg, *Eugenia platysema* Berg, *Eugenia subcordata* Berg e *Eugenia suffrutescens* Niedenzu⁷⁵. Com relação às duas últimas, Marcos Sobral assinala que as mesmas são características de áreas de cerrado e até hoje nunca foram recoletadas no Estado, sendo as referências na descrição dos tipos provavelmente um erro de etiquetagem. Alheios, por vezes, ao eminente botânico, problemas desta natureza não diminuem sua contribuição para a Taxonomia Vegetal, mas certamente dificultam, ou até mesmo limitam, a utilização de suas exsicatas ou referências a locais de coleta, para estudos fitogeográficos.

Embora sendo botânico, Sellow grangeou notoriedade em sua época principalmente pelas descobertas nos campos da geologia e paleontologia. Esta é a impressão que fica, ao ler-se o comentário do Visconde de São Leopoldo, registrado em seus *Anais*, bem como a correspondência de Aimé Bonpland a Alexander von Humboldt. Em carta de 1º de junho de 1832, referida por Barreto⁷⁶, o cientista francês manifesta preocupação com a saúde do viajante prussiano e curiosidade sobre as coletas por ele realizadas:

Quanto ao sr. Sellow, sei que muito trabalhou e, com algum fundamento, suponho que formou inúmeras coleções, tanto para o Brasil como para sua pátria. No caso de não haver enviado coleções à Prússia há muito tempo, seria conveniente pressioná-lo, pois vejo o seu regresso muito afastado; direi mais: devo duvidar que repasse o oceano, pois esteve muitas vezes perigosamente enfermo e teme o clima europeu. As coleções do Sr. Sellow devem ser sobretudo muito ricas em mineralogia, a julgar por tudo quanto ouvi dele dizer e por uma coleção de rochas do Brasil, bem classificadas, que apreciei em Buenos Aires e que não pode ser senão dele. À margem do Arapeí, na Banda Oriental, Sellow encontrou um esqueleto muito grande duma espécie extinta. Apesar de todos os pedidos que fiz para informar-me sobre esse animal monstruoso, nada consegui de positivo, senão a afirmação unânime de tratar-se de um tatu, espécie de Dasypus.

⁷⁵SOBRAL, M. Descrições sucintas dos gêneros ocorrentes no Rio Grande do Sul e chaves para identificação das espécies. In: MARCHIORI, J. N. C.; SOBRAL, M. *Dendrologia das Angiospermas – Myrtales*. Santa Maria: Editora UFSM, 1998. 304 p.

⁷⁶BARRETO, A. 1976. Op. cit.

A leitura deste fragmento requer inicialmente um breve comentário sobre o estado de saúde de Sellow. Bonpland referia-se às freqüentes crises de colite, que acometiam o viajante, desde seu tempo de Paris. Não o tendo conhecido pessoalmente, é provável que a observação do francês tenha sido haurida de Saint-Hilaire, que esteve com Sellow no tempo de sua visita à “Fábrica de Ferro” de Ipanema, quando este convalescia de uma forte crise. Comparando-se as datas, percebe-se que Bonpland, em seu isolamento, desconhecia a morte de Sellow, ocorrida dez meses antes do envio da carta. O que mais importa ressaltar neste documento, todavia, é a reputação de Sellow no meio científico, por suas coletas mineralógicas e paleontológicas. Finalmente, sobre o comentário de Bonpland a respeito do “monstruoso” fóssil recolhido pelo viajante no Arapeí, cabe ressaltar sua interpretação correta ao atribuí-lo a um tatu gigante, pois ao contrário do estudo posterior de Weiss⁷⁷, tratava-se evidentemente de um quelônio, o primeiro a ser descoberto nesta região da América.

⁷⁷WEISS, C. S. Op. cit.

Em carta de 25 de dezembro de 1853, igualmente referida por Barreto⁷⁸, Bonpland voltou a confidenciar a Humboldt sobre a excelência do trabalho geológico realizado por Sellow:

⁷⁸BARRETO, A. 1976. Op. cit.

Concebo facilmente que depois dos sábios trabalhos do sr. Sellow no Brasil, minha coleção terá pouco apreço. Entretanto, quero crer que oferecerá algo de novo. Como seria feliz se pudesse ler o que necessariamente haverá aparecido sobre os trabalhos geológicos do sr. Sellow.

Novamente Bonpland demonstra seu desconhecimento da realidade, pois já se haviam passado 23 anos da publicação na Alemanha (ano de 1830) de um trabalho do professor Christian Samuel Weiss, lente de mineralogia na Universidade de Berlim, sobre as observações geológicas de Sellow no Rio Grande do Sul e Uruguai. Traduzido pelo general Bertholdo Klinger, em 1941, esta publicação baseou-se exclusivamente nas anotações e materiais coligidos pelo viajante, pois seu autor nunca esteve pessoalmente na região. Trata-se de um documento de grande valor histórico, senão científico, por ter sido provavelmente o primeiro sobre esta região da América a trazer longas referências sobre a composição de sedimentos, solos, recursos minerais e fósseis.

No tocante à paleobotânica, cabe ressaltar que Sellow foi o primeiro a registrar a presença de madeiras fósseis no Rio Grande do Sul, de acordo com Pinto & Closs⁷⁹. O trabalho de Weiss (1941), anteriormente referido, esclarece que o viajante prussiano encontrou “madeira petrificada”, com “estrutura de dicotiledônea”, entre São Gabriel e “Cayguaté”⁸⁰, entre os “Cerros de Bagé e o passo do Valente”, bem como no vale do rio Negro, próximo à serra de Aceguá. O único reparo a ser feito, e mais diretamente a Weiss, que examinou os materiais em laboratório,

⁷⁹PINTO, I. D. & CLOSS, D. Índice remissivo dos fósseis do Rio Grande do Sul. *Iheringia*, Porto Alegre, v. 1, p. 3-76, 1967

⁸⁰Refere-se à localidade de Caiboaté, 15 km ao norte de São Gabriel.

⁸¹ ISABELLE, A. *Viaje a Argentina, Uruguay y Brasil, en 1830*. Buenos Aires: Editorial Americana, 1943. 454 p.

⁸² AVÉ-LALLEMANT, R. *Viajem pela província do Rio Grande do Sul (1858)*. Belo Horizonte, São Paulo: Itatiaia, EDUSP, 1980. 417 p.

prende-se à identidade equivocada dos mesmos, atribuídos apressadamente às dicotiledôneas. Cabe entretanto ressaltar que o mesmo erro foi cometido por Isabelle⁸¹, com relação aos fósseis encontrados entre São Vicente e o rio Toropi (ano de 1834), e por Avé-Lallemant⁸², ao comparar os troncos petrificados de Santa Maria com Mirtáceas, no ano de 1858.

Os elogios do Visconde de São Leopoldo ao trabalho geológico de Sellow foram mais do que merecidos. Ao passar por Caçapava, o viajante examinou a cata de ouro e constatou pela primeira vez a existência de cobre no Rio Grande do Sul. Em Aceguá, esclareceu a verdade sobre as “minas jesuíticas” de prata e, apenas para destacar os pontos mais importantes no setor de mineração, o incansável naturalista ainda descobriu jazidas de carvão no sul de Santa Catarina, bem como no Rio Grande do Sul. Na verdade, a contribuição de Sellow à geologia sul-brasileira ainda não recebeu um estudo definitivo.

Se as coletas botânicas e a contribuição de Sellow à geologia e à paleontologia são mais divulgadas, o mesmo não se pode dizer de sua colaboração para o conhecimento da fauna brasileira. Cabe entretanto observar que as coleções de insetos, pássaros, mamíferos, répteis e demais animais sempre foram um de seus principais objetivos, sobretudo na fase inicial de sua vida de viajante-naturalista, quando precisava saldar dívidas junto a instituições financiadoras, mediante exemplares coletados. Seu legado zoológico, que compreende 276 peles de mamíferos, 4.945 pássaros, 323 anfíbios e peixes, 80.834 insetos, 638 crustáceos e conchas, 250 moluscos, 92 vidros com animais conservados em álcool e numerosos preparados anatômicos⁸³, certamente justifica a inclusão de seu nome entre os grandes colaboradores para o avanço deste ramo da ciência, no século XIX.

O interesse universalista de Sellow manifesta-se ainda em seus diários, cartas e relatórios, testemunhas de uma intensa atividade geográfica, no registro de interessantes observações bioclimatológicas, determinações topográficas, registros meteorológicos e astronômicos.

Finalmente, é preciso salientar que, apesar de seu diversificado interesse em ciências naturais, Sellow também tinha pendor para o desenho e estudos linguísticos.

O legado iconográfico de Sellow, conservado no Museu Zoológico de Berlim, compreende um livro de rascunhos e 222 desenhos, compondo um valiosíssimo painel sobre a terra e a sociedade brasileira do início do século XIX. Outros 32 desenhos, que pertenceram à coleção do Príncipe Maximiliano, encontram-se atualmente na “Biblioteca Brasileira”, de Robert Bosch Ltda⁸⁴. Com exceção das três ilustrações publicadas na *Viajem* do Príncipe Maximiliano⁸⁵, todo este material acreditava-se desaparecido ao tempo de Urban⁸⁶.

⁸³ HACKETHAL, S. Friedrich Sellow (1789-1831) – Skizzen einer unvollendeten Reise durch Südamerika. *Fauna Flora Rhld.-Pf.*, Landau, n. 17, p. 215-228, 1995.

⁸⁴ HACKETHAL, S. Op. cit.

⁸⁵ São eles: Vista da vila de Porto Seguro, no rio Buranhém; Vista da Vila e do Porto de Ilhéus; e Vista da Fazenda de Tapebuçu e da costa marítima, com o monte de São João e a Serra de Iriri, cercados pela mata virgem.

⁸⁶ HACKETHAL, S. Op. cit.

De seu contato com populações indígenas, de uma óbvia necessidade de comunicação e do hábito de fazer registros, típico de um cientista, resultaram glossários sobre línguas de tribos da Bahia, sobre os “selvagens” de Guarapuava, sobre os guaranis, os chanás e, de maior interesse para o Rio Grande do Sul, sobre as línguas dos minuanos e charruas, as únicas de que se tem notícia até hoje.

Como bem observa Barreto, o espólio de Sellow “desafia até hoje a inteligência e a bolsa de um Mecenas rio-grandense inclinado a custear suas cópias microfílmicas⁸⁷”. Um pequeno acréscimo deveria contudo ser feito às palavras do maior conhecedor da bibliografia sul-rio-grandense: é que a obra deste singular viajante-naturalista, embora de fundamental importância para o Rio Grande do Sul, transcende nossas fronteiras, sendo igualmente valiosa para o Uruguai e os estados brasileiros compreendidos entre a Bahia e Santa Catarina.

Sellow foi um dos viajantes-naturalistas do século XIX que por mais tempo permaneceu no Brasil, ultrapassando de longe, neste aspecto, aos famosos Saint-Hilaire, Martius e Spix. Por sua notável contribuição os mais variados setores das ciências naturais, o nome deste corajoso prussiano merece figurar, na primeira fila, entre os grandes responsáveis pelo avanço do conhecimento científico sobre a terra brasileira e ainda está a merecer um biógrafo à altura de luminosa existência.

⁸⁷BARRETO, A. Viajantes estrangeiros no Rio Grande do Sul. *Fundamentos da Cultura Rio-grandense*, Porto Alegre, v. 5, p. 15-48, 1962.

José Newton Cardoso Marchiori e Miguel Antônio Durlo são professores do Departamento de Ciências Florestais da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul.